

Reportagem Especial

VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES

Alunos usam IA para criar fotos falsas de colegas nuas

Polícia investiga conduta de dois adolescentes suspeitos de manipular imagens de três estudantes em escola de Vitória

Francine Spinassé

A manipulação de imagens de três adolescentes de 14 anos com uso de Inteligência Artificial – simulando que estivessem nuas – chegou à polícia, após a divulgação entre alunos de uma escola particular de Vitória. Dois adolescentes, também de 14 anos, estão sendo investigados.

Segundo a mãe de uma das meninas, uma psicóloga de 45 anos, um dos suspeitos teria feito a montagem após sua filha não ter aceitado um pedido de namoro. “Eles estavam se conhecendo, mas ela não levou o relacionamento à frente. Logo depois, ficou sabendo sobre a imagem”.

A psicóloga revela, ainda, que a foto manipulada era de três amigas em um passeio no shopping, mas foi completamente alterada por meio de um aplicativo de IA.

Ao saberem do fato, os pais das meninas envolvidas buscaram a escola para que tomasse providências. “A direção chamou os meninos, que confessaram ter feito a montagem. Depois, conversou com as famílias deles e disse que tomaria uma medida administrativa. Eles receberam suspensão de um dia, que é a mesma punição aplicada quando um aluno usa celular na escola”.

O pai da estudante, um advogado de 46 anos, também falou sobre a falta de ação da instituição de ensino. “A divulgação ocorreu entre colegas da escola. A intenção de constranger as meninas aconteceu naquele contexto”.

Para ele, a instituição deveria garantir um ambiente emocional-



MÃE de uma das estudantes vítimas da manipulação de imagem mostra o Boletim Unificado registrado do caso

mente seguro para os alunos. “Que base pedagógica é essa que, diante de um fato grave como esse, permite que a vítima reviva o trauma todos os dias, pela convivência ininterrupta com os infratores?”

A Polícia Civil informou, por meio da Delegacia Especializada de Adolescentes em Conflito com a Lei (Deacle), que, a partir do registro da ocorrência, foi instaurado procedimento para apuração das circunstâncias. Reforçou que o estabelecimento escolar está colaborando com as apurações.

A reportagem de **A Tribuna** não está divulgando o nome da escola em que os envolvidos estudam e onde o caso aconteceu, para preservar as vítimas e também os acusados, que são menores de idade.

O OUTRO LADO

Medidas foram adotadas, diz escola

O colégio onde os alunos investigados estudam, em Vitória, informou que tomou conhecimento de uma situação com estudantes do ensino fundamental relacionada ao uso inadequado de recursos digitais durante as férias escolares.

A direção disse ainda que, tão logo teve ciência dos fatos, adotou providências cabíveis no âmbito pedagógico e disciplinar, em conformidade com o Regimento Escolar e com a legislação aplicável.

Segundo o colégio, as famílias dos adolescentes foram convoca-

das, ocorreram atendimentos individualizados e foram aplicadas as medidas educativas pertinentes.

A unidade de ensino enfatizou que o caso também foi comunicado às autoridades competentes, com as quais vem colaborando integralmente para a apuração dos fatos.

A instituição reafirmou ainda seu compromisso com a formação integral dos alunos, com a promoção de um ambiente escolar seguro e com o desenvolvimento de ações educativas voltadas ao uso responsável das tecnologias digitais.

MÃE DE UMA DAS ESTUDANTES

“Não foi brincadeira, foi crime”, diz mãe de vítima

“Infelizmente, esse é um tipo de violência do qual não conseguimos proteger nossa filha. Ela não fez nada para merecer isso.” O desabafo é de uma psicóloga de 45 anos, mãe de uma estudante de 14 anos que teve imagens manipuladas e divulgadas por colegas da própria escola.

A TRIBUNA Como sua filha descobriu tudo?

PSICÓLOGA Um dos alunos recebeu a imagem, mostrou a uma amiga das meninas e ela contou à minha filha. Assim que ela chegou da escola, me contou. Disse que a sensação era de que tinham tirado a roupa dela de verdade.

> Como foi a montagem?

A foto original era das três meninas no shopping. Dois colegas pegaram essa imagem e usaram um aplicativo – que eles pagaram para obter – para manipular a foto, retirando digitalmente as roupas delas.

> Qual teria sido a motivação?

Minha filha estava conhecendo um dos meninos, algo bem adolescente. Em determinado momento, ela percebeu que não queria que

aquilo evoluísse para um namoro e disse que não queria continuar. Logo depois, foi feita a montagem.

> Como essa imagem começou a circular?

Eles mostraram a alguns colegas e enviaram a foto individualmente pelo WhatsApp.

> O que sua filha fez?

Ela me contou à noite. No dia seguinte, ela e as amigas foram cedo à escola e procuraram a coordenação para relatar o fato e pedir providências. Só que os meninos foram suspensos por apenas um dia.

> Como ela reagiu emocionalmente?

Ela decidiu não se calar. Inclusive, quando lhe disseram para não comentar o caso, respondeu que não tinha feito nada de errado e que quem deveria sentir vergonha eram os responsáveis.

> O que a senhora considera que seria uma medida justa?

Os meninos não deveriam estar mais na escola. Não acho correto que as vítimas tenham que conviver diariamente com quem fez isso. Não foi brincadeira. Foi crime.

Conduta de adolescentes pode ter consequências

O caso de adolescentes investigados por terem manipulado e divulgado a imagem de três colegas, simulando que elas estivessem nuas, pode trazer consequências para eles perante a Justiça.

O advogado criminalista e professor da FDV, Raphael Boldt, afirmou que, diante dos fatos, os envolvidos podem responder por dois atos infracionais análogos a crimes, previstos no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

“Um deles é o ato de simular a participação de criança ou adolescente em cena de sexo explícito ou pornográfica por meio de montagem ou adulteração de fotografia. Outra possibilidade seria responder por oferecer ou divulgar pornografia envolvendo criança ou adolescente. Essas são possibilidades, já que o delegado irá definir no caso concreto.”

O advogado especialista em Direito Público e Criminal e secretário-geral da Ordem dos Advogados do Brasil – seccional capixaba (OAB-ES), Eduardo Sarlo, frisou que a conduta narrada pode, em tese, configurar ato infracional análogo a crimes previstos no Estatuto da Criança e do Adolescente e no Código Penal.

“Ainda que as imagens tenham sido geradas por Inteligência Artificial e não correspondam a fotos reais, a criação e a circulação de material que simule nudez de adolescentes podem caracterizar violação grave à dignidade, à honra e à imagem das vítimas.”

Ele explicou que, por se tratar de adolescente, o jovem não responde criminalmente como adulto, mas pode ser responsabilizado mediante a aplicação de medidas socioeducativas.

“Além da responsabilização jurídica, o caso também revela um novo desafio para escolas, famílias e autoridades diante do uso indevido da Inteligência Artificial. Por isso, mais do que punir, é fundamental investir em educação digital.”

O advogado especialista em Direito Digital e presidente da Comissão de TI e Direito Digital da OAB-ES, Carlos Augusto Pena da Motta Leal, ressaltou que o caso chama a atenção para um fenômeno cada vez mais presente: o uso indevido de ferramentas tecnológicas para constranger e expor terceiros.



EDUARDO SARLO: advogado